

A princesa  
e o goblin



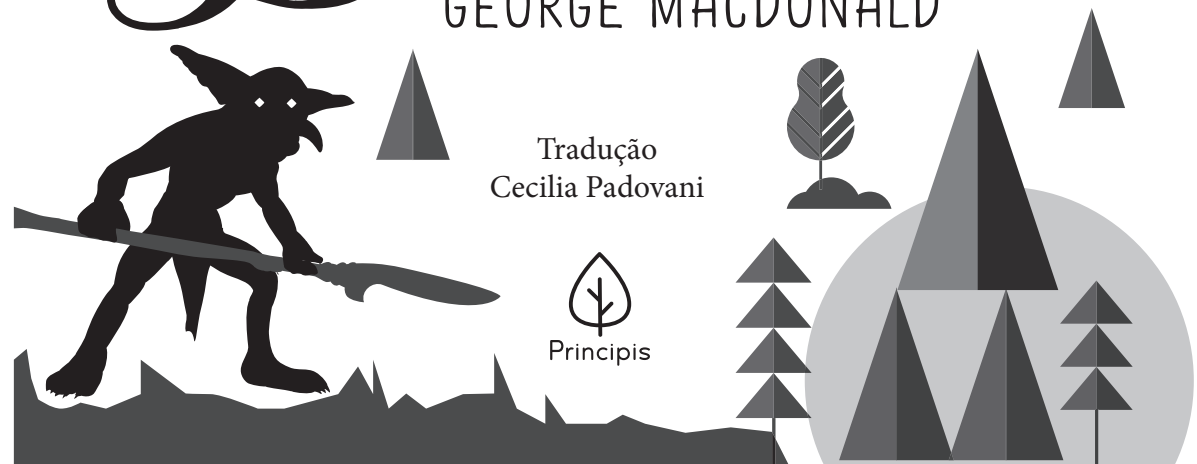


A  
princesa  
e o  
goblin

GEORGE MACDONALD

Tradução  
Cecília Padovani

  
Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*The Princess and the Goblin*

Produção editorial  
Ciranda Cultural

Texto  
George MacDonald

Diagramação  
Linea Editora

Editora  
Michele de Souza Barbosa

Design de capa  
Imaginare Studio

Tradução  
Cecilia Padovani

Imagens  
Kasija/shutterstock.com  
Kozyreva Elena/shutterstock.com

Preparação  
Mirtes Ugeda Coscodai

Marish/shutterstock.com  
klyaksun/shutterstock.com  
miniaria/shutterstock.com

Revisão  
Marcia Duarte Companhone

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISpBD**

M135	MacDonald, George
	A princesa e o goblin / George MacDonald; traduzido por Cecilia Padovani. - Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da literatura mundial).
	Título original: The princess and the Goblin ISBN: 978-65-5552-671-4
	1. Literatura inglesa. 2. Contos de fada vitoriano. 3. Aventura. 4. Imaginação. I. Padovani, Cecilia. II. Título.
2021-0223	CDD 823.91 CDU 821.111-3

**Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura inglesa : 823.91
2. Literatura inglesa : 821.111-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

# Sumário

Por que há uma história sobre a princesa .....	9
A princesa se perde .....	12
A princesa e... nós veremos quem.....	15
O que a babá pensou disso tudo.....	22
A princesa fica bem sozinha .....	27
O pequeno mineiro .....	30
Os mineradores.....	42
Os goblins .....	46
O salão do palácio dos goblins .....	54
O rei papai da princesa .....	63
O quarto da velha senhora .....	68
Um pequeno capítulo sobre Curdie .....	76
As criaturas dos goblins.....	78
Uma noite interminável.....	83
Tecido e fiado.....	88
O anel.....	98
Primavera .....	101
A pista de Curdie.....	104
O conselho de goblins.....	113
A pista de Irene.....	120
A fuga.....	125

A velha senhora e Curdie .....	136
Curdie e sua mãe .....	143
Irene se comporta como uma princesa .....	152
A dor de Curdie .....	155
Os goblins mineradores.....	160
Os goblins na casa do rei .....	163
O guia de Curdie .....	170
Alvenaria.....	175
O rei e o beijo.....	178
As águas subterrâneas.....	182
O último capítulo .....	188
Sobre o autor e suas obras .....	191









# Por que há uma história sobre a princesa

Era uma vez uma princesinha cujo pai era o rei de um grande país cheio de cordilheiras e vales. Seu palácio fora construído sobre uma das montanhas e era muito grandioso e belo.

A princesa Irene tinha nascido ali, mas como sua mãe não era muito forte, ela fora enviada para outro local logo após o nascimento para ser criada por pessoas do campo. Morava em uma grande residência, um misto de castelo com casa de fazenda situada na lateral de outra montanha, na metade do caminho entre a base e o topo.

A princesa era uma criaturinha doce, e na época em que minha história começou tinha cerca de oito anos, acho eu, mas ela cresceu bem rapidamente. Seu rosto era bonito, com olhos como dois pedaços de céu noturno, cada um com uma estrela dissolvida no azul, que deviam saber de onde vieram, tantas foram as vezes em que miraram na direção do infinito.

O teto de seu quarto era pintado de azul e decorado com estrelas, parecendo realmente com o céu de verdade, mas duvido que ela alguma vez

tenha visto o céu com estrelas, por uma razão que eu deveria ter mencionado de imediato.

As montanhas estavam cheias de espaços ociosos; enormes cavernas e caminhos sinuosos, alguns com água corrente e outros brilhantes com todas as cores do arco-íris quando uma luz era capturada. Pouco se sabia sobre elas se não houvesse minas por lá, grandes fossos profundos com longas galerias e passagens que foram escavadas para a obtenção do minério do qual estavam repletas.

Durante as escavações, os mineiros se depararam com muitas dessas grutas; algumas tinham longas aberturas na lateral de um monte ou davam para uma ravina. Nessas cavernas subterrâneas vivia uma estranha raça de seres, chamados por alguns de gnomos, por outros de anões ou goblins. Segundo uma lenda corrente no país, houve um tempo em que viviam sobre a terra e eram muito parecidos com as pessoas.

Mas, por uma razão ou outra, a respeito da qual existem diferentes teorias lendárias, o rei havia imposto sobre eles algo que julgavam ser muito tirano, ou exigido a observância de alguma coisa de que não gostavam, ou começara a tratá-los com mais severidade e a impor leis mais rigorosas; e a consequência foi que todos eles haviam desaparecido da face da terra.

De acordo com a história, porém, em vez de irem para algum outro país, todos se refugiaram nas cavernas subterrâneas, de onde somente saíam à noite. Era raro se mostrarem em grandes grupos e jamais para muitas pessoas ao mesmo tempo. Era apenas nas áreas menos frequentadas e mais remotas das montanhas que eles se reuniam, mesmo à noite e ao ar livre.

Aqueles que avistaram alguns desses goblins notaram grandes alterações em sua aparência no decorrer de gerações, e não é de se admirar, pois viviam longe do sol, em lugares frios, úmidos e escuros. Agora eles estavam não apenas feios, mas absolutamente hediondos, ou ridiculamente grotescos, tanto no rosto quanto na forma. Não havia nenhuma invenção da imaginação mais criativa expressa por caneta ou lápis que pudesse superar a extravagância de sua aparência.

Mas desconfio de que as pessoas que fizeram tais comentários tenham confundido alguns de seus companheiros animais com os goblins. Os próprios gnomos não estavam tão distantes assim da aparência humana como essa descrição implicava. E conforme cresciam deformados no corpo, tinham também se aprimorado em conhecimento e esperteza, e já eram capazes de fazer coisas que nenhum mortal imaginaria ser possível. Ficaram mais astutos e também mais maliciosos, e o seu grande deleite era, em todos os sentidos, irritar as pessoas que viviam a céu aberto acima deles.

Os goblins nutriam afeto suficiente uns pelos outros para que não fossem absolutamente cruéis com aqueles que se colocavam em seu caminho. Ainda assim, guardavam com grande estima o rancor ancestral contra aqueles que ocupavam suas antigas terras, especialmente em relação aos descendentes do rei que os havia expulsado. Por isso, procuravam todas as oportunidades de atormentá-los de maneiras muito estranhas e, embora fossem anões e deformados, eles tinham força igual à astúcia.

Com o passar do tempo, haviam constituído um governo próprio e nomearam um rei, cujo principal negócio, além de seus próprios assuntos, era o de criar problemas para seus vizinhos. Agora ficará bastante evidente o motivo pelo qual a princesinha nunca havia visto o céu à noite. Todos tinham muito medo dos goblins para deixá-la sair de casa depois que escurecia, mesmo com tantos acompanhantes; e tinham uma boa razão, como veremos mais adiante.



## A princesa se perde

Eu mencionei que a princesa Irene tinha cerca de oito anos de idade quando minha história começou. E ela se inicia em um dia muito úmido, a montanha estava coberta por uma névoa que se unia às gotas de chuva para se derramar sobre os telhados da grande e antiga casa, e essa chuva caudalosa caía pelo beiral que circundava a casa. A princesa não podia, obviamente, sair. Estava muito entediada, tão cansada que até mesmo seus brinquedos não conseguiam mais diverti-la.

Você tentaria imaginar a cena se eu tivesse tempo de descrever a metade dos brinquedos que a menina possuía, mas então você não teria os brinquedos em si, e isso faz toda a diferença: não é possível se cansar do que não se vê.

Era uma imagem, no entanto, que valeria a pena contemplar. A princesa no quarto com o teto pintado de céu sobre sua cabeça, sentada a uma grande mesa coberta com seus brinquedos. Se um artista almejasse desenhar esse quadro, eu deveria aconselhá-lo a não se intrometer com os passatempos. Tenho medo de tentar descrevê-los, e acho melhor que ele não se atreva a desenhá-los. É melhor que nem tente. Ele pode fazer mil

coisas que eu não ousaria, mas acho que não conseguiria esboçar bem os traços daqueles passatempos.

A princesa tinha as costas curvadas na parte de trás da cadeira, a cabeça pendurada e as mãos no colo; sentia-se muito entristecida, como ela mesma diria, sem sequer saber o que gostaria de fazer. Ou melhor, queria sair, ficar completamente molhada, pegar um resfriado particularmente agradável, ter de ir para a cama e só comer mingau.

Após vê-la sentada ali, tão quieta, sua babá resolveu sair do quarto. A princesa se agitou um pouco e olhou para a mulher, então deslizou de sua cadeira e saiu correndo do quarto, mas não cruzara a mesma porta por onde a babá saíra ao chegar ao corredor, e sim outra que se abria aos pés de uma curiosa escada velha de carvalho, comido por minhocas, que parecia nunca ter sido pisada por ninguém.

Bem, ela já havia galgado seis degraus antes, e isso fora motivo bastante, em tal dia, para convencê-la a pensar em descobrir o que haveria no topo de tal escada. Por isso subiu, subiu... subiu tanto que lhe pareceu suficiente para alcançar o terceiro piso, e então descobriu que o patamar era o fim de uma longa passagem. Uma vez ali, decidiu correr.

O lugar estava cheio de portas, de ambos os lados. Havia tantas que não se preocupou em abrir nenhuma, e disparou até o final do corredor. Só que o término se transformou em outra passagem, também cheia de portas. Quando ela havia virado mais duas vezes e ainda avistava apenas portas diante de si, começou a ficar assustada.

Tudo estava tão silencioso, e todas aquelas portas deviam esconder quartos vazios... Que horror! A chuva fez um grande barulho de piso-teio no telhado. Ela então se virou e começou a voltar a toda velocidade, seus pequenos passos ecoando através dos sons da tempestade; sabia que precisava voltar para a escadaria e para seu quarto seguro. Mas já havia se perdido fazia muito tempo.

Correu por alguma distância, virou várias vezes, e depois o medo a abraçou. Muito cedo teve certeza de que havia perdido o caminho de volta. Quartos por toda parte e nenhuma escada! Seu pequeno coração batia tão rapidamente quanto seus pezinhos corriam, e um punhado de lágrimas travava sua garganta; estava muito ansiosa e talvez assustada demais para chorar.

Finalmente sua esperança falhou. Nada além de passagens e fechaduras por toda parte! Ela se jogou no chão e chorou copiosamente, o corpo sacudido por soluços, mas não lamentou por muito tempo, e foi tão corajosa quanto se podia esperar de um membro da realeza de sua idade.

Depois de muitas lágrimas, levantou-se e espanou o pó do vestido. Oh, que pó antigo era aquele! Então limpou os olhos com as mãos; pois as princesas nem sempre têm seus lenços nos bolsos, assim como algumas meninas que eu conheço.

Em seguida, como uma verdadeira dama, resolveu retornar sabiamente ao trabalho de encontrar o caminho de volta para seu quarto: andaria pelos corredores e olharia em todas as direções para achar a escada. Isto ela fez, mas sem sucesso. Sem saber, percorreu o mesmo trajeto mais de uma vez, pois as passagens e as portas eram todas iguais.

Finalmente, em um canto, através de uma porta semiaberta, viu uma escada, mas, infelizmente, ela dava para o caminho errado: em vez de descer, subia. Estava muito assustada, no entanto, estava ainda mais curiosa e quis ver para onde a nova opção a levaria. O caminho era tão estreito e íngreme que ela precisou seguir agachada, como uma criatura de quatro patas, apoiada sobre as mãos e os pés.



## A princesa e... nós veremos quem

Quando alcançou o topo, a menina se viu em um pequeno ambiente quadrado com três portas: sendo duas opostas uma à outra e a terceira à frente, diante da escada. Ficou estática por um momento, sem ideia do que fazer em seguida e, enquanto estava ali parada, começou a ouvir um zumbido curioso.

Poderia ser a chuva? Não! Era muito mais suave e até mais monótono do que o som da chuva, que agora mal se ouvia.

O som baixo e doce prosseguia, às vezes parando por um tempo e, logo depois, recomeçando. Era algo como o zumbido de uma abelha muito feliz que havia encontrado uma rica fonte de mel em alguma flor. De onde poderia vir?

Ela aproximou-se de uma das portas e encostou a orelha para verificar se o som vinha de lá, depois tentou ouvir na porta seguinte. Quando encostou a orelha contra a terceira, não teve dúvidas... o som vinha dali! Havia alguma coisa naquela sala. O que seria?